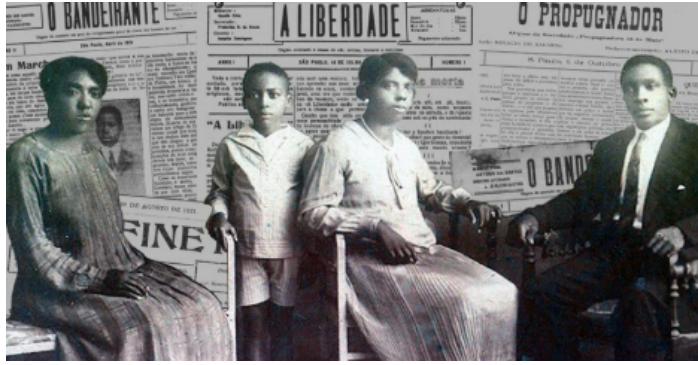


Por uma história e modo de fazer jornalístico negros

O jornalismo negro emergiu como engajamento afetivo (Gomes e Mendonça, 2024), para mim, quando descobri os textos de Clóvis Moura (1984) sobre a imprensa negra, no segundo período de graduação em jornalismo. Encontrei ali meu modo de estar e me situar na universidade e no jornalismo. A questão para mim era/é de transformação. Não queria estudar jornalismo negro apenas como uma militância, como falavam, mas na sala de aula, na comunicação, na cotidianidade, na política e no movimento negro. Diante de uma série de incômodos que vivenciei durante a universidade e no próprio jornalismo, seja pela discriminação racial, ausência de referências e bibliografias negras em sala de aula e pelas demais vivências de mulher negra, culminou que eu escrevesse primeiro sobre jornalismo negro. Assim, compreendo a minha história no jornalismo como um território de vivências que fundamentam também a importância de abordar o tema da minha pesquisa, essa experiência, então, atua como força ativa e afetiva (Gomes, 2023, p.45).

No Brasil, há diversas concepções sobre o campo de estudos da imprensa negra. Para Muniz Sodré (1999, p. 241), “a imprensa negra reflete os protestos e as esperanças dos descendentes de africanos”, e Ana Flávia Pinto (2006) parte de uma perspectiva de que “são os jornais que se inserem na luta contra a discriminação racial no Brasil”. Apesar de abraçar esses entendimentos, por partirem de grandes estudiosos da imprensa negra na área da comunicação, modifico a terminologia para jornalismo negro, e o compreendo como aquele produzido por/para/sobre a população negra, em geral, com relação aos movimentos negros. Utilizo, desse modo, como base, a minha pesquisa de mestrado, que conceitua tal jornalismo e apresenta dados de cerca de 180 jornais negros na história da imprensa brasileira. Com isso, agrupo os jornais negros dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI e sistematizo como um jornalismo específico e silenciado pela instituição jornalística. Opto por utilizar essa definição, por entender que, apesar do termo “Imprensa” ser um vocábulo do jornalismo, ele tem um significado que pode abranger somente jornais impressos, além de não trazer a discussão em torno do modo, estudo e tensionamento do fazer jornalístico.



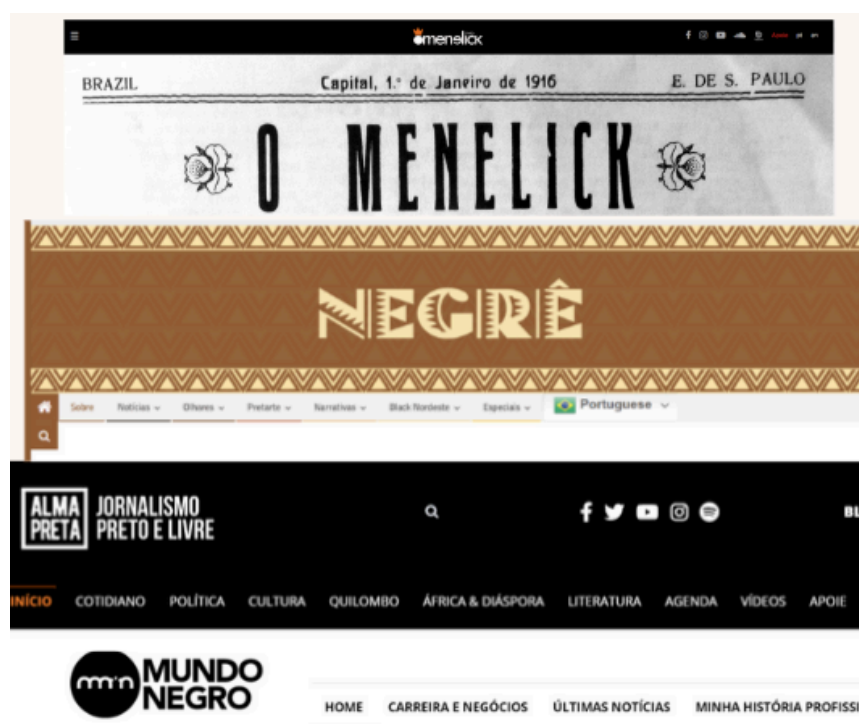
Fotomontagem por Adrielly Kilryann/Jornal da USP

Entendo que os jornais negros possuem características próprias desse modo de fazer jornalismo, que vão para além da composição das redações por pessoas negras, haja vista que importam os discursos político-raciais, suas fontes, linguagens e como são pautados os assuntos. O intuito da pesquisa do doutorado é continuar um aprofundamento sobre os jornais negros que estão interligados a territórios/instituições políticas e culturais dos movimentos negros, para pensar em um modo de construção jornalística quilombista (Nascimento, 1985), que disputa e tensiona o fazer jornalístico hegemônico. Outrossim, há o propósito de aquilombar a relação com a história do jornalismo no Brasil e, por conseguinte, trazer uma apresentação do jornalismo negro na América afro-diaspórica. Isso posto, me engaja o modo organizativo de como a população negra na diáspora americana encontrou o jornal como uma ferramenta de expressão das suas reivindicações. O Jornalismo Negro no Brasil, então, se iniciou pela auto-organização e na luta por liberdade e cidadania da população afrodescendente, reivindicações que persistem até a atualidade em modos e contextos diferentes, que por vezes atua na conformação da instituição jornalística.

Para Grossberg, afeto é “algo que organiza, disciplina, mobiliza e coloca nossa atenção, volição, humor e paixão a serviço de agendas específicas” (1992, p. 255). Assim, compreendo que o afeto me mobiliza na construção dessa pesquisa, mas, por outro lado, identifiquei que o afeto também é uma força mobilizadora do jornalismo negro. Amanda Barbosa explica que “o pertencimento a determinados grupos sociais e a mobilização pelas questões e temas que eles articulam não se dá apenas por um processo de ‘cognição’, mas porque somos mobilizados (inclusive) de modo afetivo” (2024, p.42). Entendo que a noção de engajamento afetivo é necessária, pois “leva em conta os afetos engajados no processo cultural: porque eles dizem das disputas e tensionamentos que parecem ser vividos no âmbito individual, mas, na realidade, são compartilhados, políticos e coletivos” (Barbosa, 2024, p.42).

Ademais, entendo que a discussão afetiva é negada em uma perspectiva hegemônica de jornalismo, que enfatiza conceitos que apagam as subjetividades e suas expressões, como as raciais. Esse apagamento é ampliado pela descaracterização e exclusão do jornalismo negro na instituição jornalística. Desse modo, também, destaco a pretensão de compreender metodologicamente como a raça tensiona o jornalismo e como o jornalismo é tensionado pelas racialidades, em uma perspectiva fundamentada por Stuart Hall, a qual Grossberg explica (2010, p.25): “nunca trabalhei sobre raça e etnia como uma espécie de subcategoria. Sempre trabalhei toda a formação social que é racializada.” Para Hall (2003), a raça não é um recorte ou uma questão somente negra, ele entende que a nossa sociedade é racializada. Portanto, esse é um ponto de partida que enxergo para a análise da história do jornalismo negro.

É necessário compreender que “a constituição das mídias não é de base exclusivamente tecnológica, mas sociotécnica – são parte dos modos como se dão as relações entre tecnologia e cultura, uma tecnocultura” (Gomes e Antunes, 2019, p.13-14). Nessa perspectiva, é possível conceber que a importância do jornalismo negro está para além de seu formato, mas por ser criado e pautado para a população negra e na colaboração para uma cultura diversa com perspectivas étnicas-raciais. Portanto, a partir dos autores, entendo que a ótica de comunicação não está atrelada apenas ao técnico, mas em dar ênfase a “uma cultura que alimenta e é alimentada por um complexo de práticas midiáticas e organiza instituições cruciais da sociedade contemporânea” (Gomes e Antunes, 2019, p.14).



Assim, observo ser um trabalho urgente, do campo da comunicação, estabelecer construções práticas e epistemológicas que pensem raça, não somente aquelas que objetivam abordar o racismo. É necessário, portanto, que, assim como pensado por Stuart Hall (2000), a racialidade seja observada contextualmente em nossos estudos. Do mesmo modo, é sabido afirmar que a racialidade, assim como a etnicidade, encontra diversas barreiras na academia por conta da colonização, que inferioriza os sujeitos negros e indígenas, como não detentores de conhecimento e até mesmo na retirada de sua humanidade. Por isso, é importante considerar acerca da: “necessidade urgente de se fazer com que as expressões culturais, as análises e histórias negras sejam levadas a sério nos currículos acadêmicos” (Gilroy, 2001, p.40).

A consideração explicitada se faz essencial tendo em vista que o jornalismo negro acontece na América há cerca de 200 anos e há pouquíssimos estudos sobre esses jornalismo nas universidades brasileiras. Por exemplo, em minha pesquisa de mestrado, foram analisadas todas as graduações em jornalismo nas universidades federais do Brasil acerca da inclusão de estudos sobre o jornalismo negro. Como resultado, somente uma mencionava “imprensa negra” em seus projetos políticos pedagógicos, grades curriculares e ementas das disciplinas, e pouquíssimas universidades abordam questões raciais durante o curso de jornalismo. Desse modo, é um compromisso dos estudos de comunicação colaborarem para o jornalismo negro não ser esquecido nas academias. Com isso, apesar de acreditar na transformação pela auto-organização e nos projetos de liberdade negra demonstrados também no jornalismo negro, não isento espaços hegemonicamente constituídos pela branquitude, como a academia e a instituição jornalística, da sua responsabilidade na transformação.

bell hooks (2017) discute a necessidade de repudiar as dominações coloniais em nossos estudos. Esse repúdio é uma ferramenta para que possamos pesquisar áreas que são esquecidas dentro dos estudos de comunicação, como também reivindicar as análises contextuais, que pensem raça, etnicidade, gênero em todos nossos estudos. Desse modo, podemos criar e fundamentar teorias que amem a negritude como resistência política (hooks, 2019, p.39). Então, assim como bell hooks relata, no capítulo “A teoria como prática libertadora” (2017), que chegou na teoria de forma machucada, encaro esse meu processo vivenciado no jornalismo como uma dor e, nas palavras dela, como “uma imposição de silêncio que ocorre em instituições onde se diz às mulheres negras e de cor que elas não podem ser plenamente ouvidas e escutadas porque seus trabalhos não são suficientemente

teóricos” (2017, p.95). Todavia, hooks também afirma que a teoria pode ser um lugar de cura e libertação quando a dirigimos para esse fim (2017, p.86).

Por isso, compreendo que, apesar de as produções jornalísticas negras por vezes conformarem formatos e reforçarem práticas defendidas pela instituição jornalística, elas não são somente uma reprodução dos modelos padrões do jornalismo com a inclusão de pautas raciais. Ao observar suas histórias e veículos, entendo que o jornalismo negro tensiona a instituição jornalística e atua também na criação de diversos modos do fazer jornalístico, por exemplo, com expressões de auto-organização quilombista. Portanto, o afeto me motiva a pensar em histórias que não são contadas e me incentiva a transformar as teorias em práticas libertadoras (hooks, 2017).



Jornal ‘O Homem de Cor’, 1833, Tipografia Fluminense.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Amanda. **“Elas que se bacam” Uma contextualização radical da mulher negra no pagodão**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, f. 212. 2024.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.

GOMES, Itania; ANTUNES, Elton. Repensar a comunicação com Raymond Williams: estrutura de sentimento, tecnocultura e paisagens afetivas. In: Galáxia: São Paulo, online, Especial 1, Comunicação e Historicidades, 2019.

GOMES, Itania. Consciência afetiva, modificações de presença e fluxo: comunicação e experiência nos estudos culturais. Teorias da comunicação e experiência: aproximações [recurso eletrônico]/ Bruno Leal e Carlos Mendonça (orgs.). Cachoeirinha : Fi, 2023. 178p.

GOMES, Itânia ; MENDONÇA, Carlos . BENQUERENÇAS DA AMIZADE: o engajamento afetivo

para a invenção relacional. In: ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2024, Niterói.

GROSSBERG, Lawrence. **Cultural Studies in the Future Tense**. Durham/London: Duke University Press, 2010.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília; Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.

HOOKS, BELL. **Olhares negros raça e representação**. [s.l.] São Paulo Elefante Editora, 2019.

MOURA, Clóvis. **Imprensa negra**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1984.

NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo: uma alternativa política afro-brasileira. In: Afrodísporas. Revista de Estudos do Mundo Negro. Ano 3, n. 6 e 7, abr./dez. 1985.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura à tinta preta - a imprensa negra no século XIX (1833-1899)**. 197 f. Brasília: UNB, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.